

Strasbourg, 6 février 2013



CCPE (2013)1

## CONSEIL CONSULTATIF DE PROCUREURS EUROPEEN (CCPE)

### Questionnaire en vue de la préparation de l'Avis n°8 du CCPE sur les relations entre procureurs et médias

#### Réponses du Portugal

#### I. Introduction

La Recommandation Rec(2003)13 du Comité des Ministres du Conseil de l'Europe sur la diffusion d'informations par les médias en relation avec les procédures pénales a fait la référence aux points suivants :

- l'engagement des Etats membres envers le droit fondamental à la liberté d'expression et d'information tel qu'il est garanti par l'article 10 de la Convention européenne de sauvegarde des Droits de l'Homme et des Libertés fondamentales;
- les médias ont le droit d'informer le public en égard au droit de ce dernier à recevoir des informations, y compris des informations sur des questions d'intérêt public, en application de l'article 10 de la Convention, et qu'ils ont le devoir professionnel de le faire;
- l'importance des reportages réalisés par les médias sur les procédures pénales pour informer le public, rendre visible la fonction dissuasive du droit pénal et permettre au public d'exercer un droit de regard sur le fonctionnement du système judiciaire pénal;
- les droits à la présomption d'innocence, à un procès équitable et au respect de la vie privée et familiale, garantis par les articles 6 et 8 de la Convention, constituent des exigences fondamentales qui doivent être respectées dans toute société démocratique ;
- les intérêts éventuellement conflictuels protégés par les articles 6, 8 et 10 de la Convention et la nécessité d'assurer un équilibre entre ces droits au regard des circonstances de chaque cas individuel, en tenant dûment compte du rôle de contrôle de la Cour européenne des Droits de l'Homme pour garantir le respect des engagements contractés au titre de la Convention.

#### II. Questions

##### A. Dispositions actuelles légales et réglementaires

1. Les relations entre procureurs et médias sont-elles déterminées par la loi ou par d'autres normes écrites? Décrivez-les brièvement.

Não existe regulamentação legal expressa e específica sobre as relações, em concreto, entre os magistrados do Ministério Público (Procuradores da República) e os média.

No entanto, podemos enunciar um conjunto de regras legais contidas quer no Estatuto de Ministério Público, quer nos Códigos de Processo Penal e Civil que permitem concluir qual o regime legal aplicável, ainda que a sua natureza permita apenas afirmar que essa relação comunicacional abrange aspectos relacionados com um processo em concreto.

Assim : no Estatuto (Lei n.º 47/86, de 15/10), o artigo 84.º, sobre dever de reserva estipula-se :

1 - Os magistrados do Ministério Público não podem fazer declarações ou comentários sobre processos, salvo, quando superiormente autorizados, para defesa da honra ou para a realização de outro interesse legítimo.

2 - Não são abrangidas pelo dever de reserva as informações que, em matéria não coberta pelo segredo de justiça ou pelo sigilo profissional, visem a realização de direitos ou interesses legítimos, nomeadamente o do acesso à informação.

No Código de Processo Penal (artigo 86.º - publicidade do processo e segredo de justiça), aí se assinala :

9 - A autoridade judiciária pode, fundamentadamente, dar ou ordenar ou permitir que seja dado conhecimento a determinadas pessoas do conteúdo de acto ou de documento em segredo de justiça, se tal não puser em causa a investigação e se afigurar:

- a) Conveniente ao esclarecimento da verdade; ou
- b) Indispensável ao exercício de direitos pelos interessados.

13 - O segredo de justiça não impede a prestação de esclarecimentos públicos pela autoridade judiciária, quando forem necessários ao restabelecimento da verdade e não prejudicarem a investigação:

- a) A pedido de pessoas publicamente postas em causa; ou
- b) Para garantir a segurança de pessoas e bens ou a tranquilidade pública.

No processo civil, a sua natureza pública, apenas implica restrições à publicidade em determinadas situações, a saber: (artigo 168.º):

1 - O acesso aos autos é limitado nos casos em que a divulgação do seu conteúdo possa causar dano à dignidade das pessoas, à intimidade da vida privada ou familiar ou à moral pública, ou pôr em causa a eficácia da decisão a proferir.

2 - Preenchem, designadamente, as restrições à publicidade previstas no número anterior:

- a) Os processos de anulação de casamento, divórcio, separação de pessoas e bens e os que respeitem ao estabelecimento ou impugnação de paternidade, a que apenas podem ter acesso as partes e os seus mandatários;
- b) Os procedimentos cautelares pendentes, que só podem ser facultados aos requerentes e seus mandatários e aos requeridos e respectivos mandatários, quando devam ser ouvidos antes de ordenada a providência.

La loi ne règle pas spécifiquement les rapports entre le Parquet et les média. Pourtant on peut extraire du Statut du Ministère Public aussi comme des Codes de procédure civile et pénale un ensemble de règles lesquelles définissent le règlement juridique applicable même si leur nature ne permet qu'affirmer que cette définition sera faite vis-à-vis le cas concret.

Ainsi:

Statut du Ministère Public (Loi n° 47/86, 15/10), l'article 84 règlemente le devoir de réserve de la façon suivante:

1 - Les procureurs ne peuvent pas faire des déclarations ou des commentaires concernant les dossiers concrets, sauf si un permis hiérarchiquement supérieur leur a été donné, pour défendre l'honneur ou permettre que des intérêts légitimes soient garantis.

2 - Les informations qui ne sont pas protégées par le secret de l'Instruction ou le secret professionnel et visent aboutir à l'application de droits et intérêts légitimes, notamment celui du droit à l'information, ne sont pas assujetties au devoir de réserve.

Le Code de procédure pénale (article 86 ° - publicité et secret de l'Instruction), souligne que:

N° 9 - L'autorité judiciaire peut, de façon justifiée, donner ou ordonner ou permettre que connaissance soit donnée à certaines personnes du contenu d'un document ou d'un acte réservé par le secret de la procédure, dès que cela ne porte pas atteinte à l'enquête et qu'il semble:

- a) Justifié ayant en vue la clarification de la vérité, ou
- b) Indispensable pour que les parties puissent exercer leurs droits.

N° 13 - Le secret de l'Instruction ne sera pas un obstacle à la présentation publique de clarifications, par l'autorité judiciaire toutefois que celles là sont considérées nécessaires pour rétablir la vérité et toujours si elles ne portent pas d'atteinte à l'investigation quand :

- a) Des personnes publiquement mises en question demandent qu'elle soient prêtées, ou
- b) Pour assurer que la sécurité des personnes et des biens ou la paix publique sont maintenus.

Dans le cas de la procédure civile sa nature publique, ne comporte de restrictions à la publicité que dans certaines situations, à savoir: (article 168 °):

1 - L'accès aux documents est limité aux cas où la divulgation du contenu peut nuire à la dignité des personnes, de la vie privée ou familiale, ou de la morale publiques, ou mettre en question l'efficacité de la décision qui sera rendue.

2 - Les procédures suivantes correspondent aux restrictions à la publicité prévues au numéro précédent:

- a) Les procédures d'annulation du mariage, de divorce, de séparation, de personnes et de biens, et celles qui concernent la déclaration de paternité ou son opposition, qui ne peuvent être accédées que par les parties civiles et leurs avocats.
- b) Les procédures provisoires urgentes, qui ne peuvent être ouvertes qu'aux parties requérantes et à leurs avocats et aux parties requises et leurs avocats, quand ils doivent être auditionnés avant qu'une décision ne soit prise.

2. Les procureurs sont-ils autorisés à avoir des relations directes avec les médias? Sinon, qui communique à la presse les informations concernant les affaires judiciaires?

Em princípio não existe essa autorização expressa. Da conjugação das normas enunciadas na resposta 1, pode-se concluir que qualquer comunicação pública por parte dos Procuradores apenas se poderá realizar após autorização hierárquica superior e dentro dos limites legalmente previstos, e sempre com respeito pelo dever de reserva. Em Portugal a experiência demonstra que a comunicação efectuada nos termos legalmente previstos tem sido assegurada pela Procuradoria-Geral da República.

En principe, il n'y a pas d'autorisation expresse. L'articulation entre les normes décrites dans la réponse 1, nous permet de conclure que toute communication avec le public menée à bout par les procureurs ne pourra être effectuée qu'après autorisation supérieure hiérarchique, respectés les limites de la loi, et toujours dans le respect du devoir de réserve. Au Portugal, c'est le Bureau du Procureur General qui assure cette communication.

3. Qui d'autre est autorisé à fournir des informations à la presse dans le cadre de ces affaires (la police, les avocats, les parties, d'autres personnes) ?

Sobre um concreto processo judicial, não existem normas expressas que permitam que as Polícias, os Advogados, os Partidos Políticos e outras pessoas ou entidades privadas ou públicas possam transmitir informações à comunicação social.

No caso concreto das polícias, elas actuam no processo penal sobre a direcção do Ministério Público e só com a sua prévia autorização o poderão fazer.

A Polícia Judiciária, na sua lei de organização profissional (artigo 13.º, n.º 2, Lei n.º 37/2008, de 6/08) determina a esse propósito que os funcionários em serviço na polícia judiciária não podem fazer revelações públicas relativas a processos ou sobre matérias de indole reservada, salvo o que se encontra previsto nesta lei sobre informação pública e acções de natureza preventiva junto da população e ainda o disposto nas leis de processo penal. Assinala-se ainda que estas declarações dependem sempre de prévia autorização superior.

O mesmo se aplica às demais forças policiais com actuação processual.

No caso dos Advogados, o seu Estatuto Profissional (Lei n.º 15/2005, de 26/01) determina um dever de reserva (artigo 88.º - discussão pública de questões profissionais) que estipula:

1 - O advogado não deve pronunciar-se publicamente, na imprensa ou noutros meios de comunicação social, sobre questões profissionais pendentes.

2 - O advogado pode pronunciar-se, excepcionalmente, desde que previamente autorizado pelo presidente do conselho distrital competente, sempre que o exercício desse direito de resposta se justifique, de forma a prevenir ou remediar a ofensa à dignidade, direitos e interesses legítimos do cliente ou do próprio.

3 - O pedido de autorização é devidamente justificado e indica o âmbito possível das questões sobre que entende dever pronunciar-se.

4 - O pedido de autorização é apreciado no prazo de três dias úteis, considerando-se tacitamente deferido na falta de resposta, comunicada, naquele prazo, ao requerente.

5 - Da decisão do presidente do conselho distrital que indefira o pedido cabe recurso para o bastonário, que decide, no mesmo prazo.

6 - Sem prejuízo do disposto nos números anteriores, em caso de manifesta urgência, o advogado pode exercer o direito de resposta referido no n.º 2, de forma tão restrita e contida quanto possível, devendo informar, no prazo de cinco dias úteis, o presidente do conselho distrital competente das circunstâncias que determinaram tal conduta e do conteúdo das declarações proferidas.

Quanto aos Partidos Políticos devem respeitar a separação de poderes e com isso estão impedidos de se pronunciar sobre processos judiciais.

Podemos ainda encontrar, a título de exemplo, no Estatuto dos Funcionários Judiciais, atenta a sua especial função no domínio das relações comunitárias e da sua ligação a processos judiciais em curso, um dever de reserva expresso no artigo 66.º, do Decreto-Lei n.º 343/99, de 26/08

2 - São ainda deveres dos funcionários de justiça:

a) Não fazer declarações ou comentários sobre processos, sem prejuízo da prestação de informações que constituam actos de serviço;

En ce qui concerne un procès concret, il n'y a pas de règles qui explicitement donnent permis à la police, aux avocats, aux partis politiques et aux autres personnes ou entités privées ou publiques pour donner des informations aux médias.

Dans le cas de la police, ils interviennent dans une procédure pénale sous la direction du Parquet et uniquement avec leur permission peuvent-ils investiguer.

La loi que règle l'organisation et les compétences de la police judiciaire, (article 13., n ° 2, de la loi n.º 37/2008, 6/08) stipule à cet égard que les fonctionnaires qui travaillent dans la police judiciaire ne peuvent pas divulguer publiquement des informations concernant les procédures ou des questions de nature privée, sauf ce qui est prévu dans cette loi sur l'information publique et les mesures de prévention auprès de la population ainsi que ce qui est disposé dans la loi de procédure pénale.

Il faut souligner, en outre, que ces déclarations dépendent toujours d'autorisation préalable.

Le même régime s'applique aux polices qui interviennent dans le procès pénal.

Pour les avocats, c'est leur statut professionnel (Loi n ° 15/2005, 26/01) qui établit une obligation de confidentialité. L'article 88 ° - (débat public sur des questions professionnelles) stipule:

1 - L'avocat ne doit pas s'exprimer publiquement, dans les médias imprimés ou autres, sur les questions qui sont en cours.

2 – L'avocat pourra se prononcer, à titre exceptionnel, dépendant d'autorisation du président du conseil du district, dans un cas où l'exercice de ce droit de réponse est justifié, afin de prévenir ou de remédier à l'infraction à la dignité, les droits et les intérêts légitimes de son représenté ou de lui-même.

3 - La demande d'autorisation est justifiée et indique la portée des problèmes éventuels sur les quels il a l'intention de se prononcer.

4 - La demande d'autorisation est décidée dans les trois jours ouvrables suivants, compte tenu que l'absence de réponse, dûment communiquée au requérant, sera interprétée comme consentement tacite.

5 - La décision du président du conseil de district de rejeter une demande peut être contestée devant le Bâtonnier, qui décidera, dans le même délai.

6 - Nonobstant les paragraphes précédents, en cas d'urgence manifeste, l'avocat peut exercer son droit de réponse mentionné au n° 2, de la façon la plus restreinte et limitée possible, informe, dans un délai de cinq jours ouvrables, le président du conseil de district des circonstances qui ont déterminé une telle conduite et le contenu des déclarations prêtées.

En ce qui concerne les partis politiques, ils doivent respecter la séparation des pouvoirs et ne sont donc pas en mesure de faire des commentaires sur des dossiers judiciaires qui sont en cours.

On peut, encore, trouver, comme exemple, dans le Statut des Greffiers, compte tenu de son rôle particulier dans le domaine des relations communautaires et sa connexion avec les procédures judiciaires, une obligation de confidentialité énoncée à l'article 66. du décret-loi no. 343/99, 26/08 qui lit :

2 – Il est un devoir de la justice civile: a) Ne pas faire des déclarations ou des commentaires concernant les procédures, nonobstant le devoir d'informer qui correspond aux actes de son service;

4. Avez-vous déjà expérimenté une communication conjointe par plusieurs autorités publiques (par exemple, procureur et police) ?

Em Portugal não existem situações de actos de comunicação pública que envolvam a actuação conjunta entre Autoridades Judiciárias e as Polícias. Têm existido casos de conferências de imprensa realizadas em conjunto por vários órgãos de polícia criminal mas apenas dando relevo e prestando informações sobre actuações policiais e não divulgando factos sobre um concreto processo judicial em curso.

Au Portugal, il n'y a pas d'expérience de communications publiques conjointes entre la police et les autorités judiciaires. Il y a eu des cas de conférences de presse organisées conjointement par plusieurs polices criminelles, mais dont l'objet était seulement de donner visibilité aux actions de police et de fournir des informations sur les mêmes, pas de révéler des faits contenus dans un dossier concret.

5. A quel stade de la procédure les procureurs peuvent-ils communiquer l'information (veuillez distinguer l'enquête préliminaire, y compris l'accusation, la procédure judiciaire et la situation après le prononcé du jugement) ?

Em Portugal, face à posição processual que o Ministério Público possui com afirmação constitucional, isto é, como Autoridade Judiciária titular da acção penal, a lei apenas lhe confere competência para prestar informações públicas durante a fase processual do inquérito. Nas fases processuais subsequentes, após a acusação, com a abertura da instrução e no julgamento, a Autoridade Judiciária competente é o Juiz de Instrução e o Juiz de julgamento, respectivamente.

Au Portugal, compte tenu de la position procédurale de titulaire de l'action pénale qui correspond aux procureurs, laquelle a une base constitutionnelle, la loi ne leur donne le pouvoir d'informer le public que pendant la phase de l'Enquête. Pour les étapes suivantes de la procédure, après l'accusation, est dire l'Instruction et l'Audience, l'autorité judiciaire compétente est le Juge d'Instruction et le Juge de jugement compétents, respectivement.

6. Les juges sont-ils autorisés à informer la presse? Si oui, à quel stade de la procédure?

Remete-se para a resposta anterior. Assinala-se, no entanto, as regras já enunciadas na resposta 1 quanto às limitações legais e ainda o disposto no respectivo Estatuto dos Magistrados Judiciais quanto ao dever de reserva em tudo igual ao previsto para o Ministério Público.

Assim, o artigo 12.º, da Lei n.º 21/85, de 3/7, estabelece :

1 - Os magistrados judiciais não podem fazer declarações ou comentários sobre processos, salvo, quando autorizados pelo Conselho Superior da Magistratura, para defesa da honra ou para a realização de outro interesse legítimo.

2 - Não são abrangidas pelo dever de reserva as informações que, em matéria não coberta pelo segredo de justiça ou pelo sigilo profissional, visem a realização de direitos ou interesses legítimos, nomeadamente o do acesso à informação.

La réponse est similaire à celle qui fut donnée déjà. Il faut remarquer, pourtant, les règles déjà mentionnées dans la première réponse, en ce qui concerne les limites légaux, et aussi les dispositions légales du Statut des magistrats judiciaires, en ce qui concerne le devoir de confidentialité, pareil à celui prévu pour les procureurs.

L'article 12, de la Loi n ° 21/85, 3/7, dispose que:

1 - Les juges ne peuvent pas faire des déclarations ou des commentaires concernant les procédures, sauf s'ils sont autorisés par le Conseil supérieur de la magistrature, pour défendre l'honneur ou garantir que d'autres intérêts légitimes soient respectés.

2 – Les informations qui, concernant de la matière non protégée par le secret de la procédure ou le secret professionnel, visent exercer des droits ou intérêts légitimes, nommément celui de l'accès à l'information ne sont pas couvertes par le devoir de confidentialité.

7. Les relations entre procureurs et médias sont –elles contrôlées dans votre pays? Le cas échéant, par qui et de quelle manière?

As relações entre os Procuradores e os média são controladas através das disposições legais já enunciadas nas respostas anteriores. A eventual violação do dever de reserva ou a divulgação ilegal de informações sobre um determinado processo judicial a coberto de segredo de justiça poderá determinar, individualmente ou cumulativamente, responsabilização disciplinar, penal e civil por parte dos Procuradores. Essa fiscalização compete ao Conselho Superior do Ministério Público e aos Tribunais, respectivamente.

Les relations entre les procureurs et les médias sont réglées par les dispositions légales déjà mentionnées. Toute violation de la réserve ou la divulgation illégale d'informations sur un dossier concret protégé par le secret peut mener à la responsabilité disciplinaire, civile et pénale des Procureurs. C'est le *Conselho Superior do Ministério Público* et les Tribunaux, respectivement, qui vérifient les conditions pour que cette responsabilisation soit faite.

8. Existe-t-il des règles spécifiques garantissant que les informations communiquées à la presse ne violent pas la vie privée, la dignité humaine et la présomption d'innocence? Quelles mesures peuvent être prises pour éviter le phénomène de «procès dans la presse»?

Sim. A Constituição da República Portuguesa impõe garantias do processo criminal e consagra expressamente o princípio da presunção da inocência no seu artigo 32.º, n.º 2.

Além disso, o processo penal, apesar da regra ser a da publicidade, permite ao Ministério Público a aplicação do segredo de justiça e permite ainda que mesmo depois de findo o segredo, que os aspectos relacionados com a vida privada sejam sempre salvaguardados.

Além disso, e a título de exemplo da protecção da vida privada, proíbe, sob cominação da prática de um crime de desobediência, que a comunicação social possa divulgar o conteúdo de escutas telefónicas, isto mesmo quando o processo é público ou terminou.

De qualquer forma, ainda que com respeito pela liberdade de imprensa, qualquer cidadão pode tentar evitar a divulgação de aspectos da sua vida privada ou da violação da presunção de inocência, através de procedimentos cautelares e de acções de indemnização contra a comunicação social.

Por fim, existe uma norma no Código de Processo Penal que efectivamente regula estes aspectos e que é a do artigo 88.º, cuja redacção assinala:

1 - É permitida aos órgãos de comunicação social, dentro dos limites da lei, a narração circunstanciada do teor de actos processuais que se não encontrem cobertos por segredo de justiça ou a cujo decurso for permitida a assistência do público em geral.

- 2 - Não é, porém, autorizada, sob pena de desobediência simples:
- a) A reprodução de peças processuais ou de documentos incorporados no processo, até à sentença de 1.<sup>a</sup> instância, salvo se tiverem sido obtidos mediante certidão solicitada com menção do fim a que se destina, ou se para tal tiver havido autorização expressa da autoridade judiciária que presidir à fase do processo no momento da publicação;
  - b) A transmissão ou registo de imagens ou de tomadas de som relativas à prática de qualquer acto processual, nomeadamente da audiência, salvo se a autoridade judiciária referida na alínea anterior, por despacho, a autorizar; não pode, porém, ser autorizada a transmissão ou registo de imagens ou tomada de som relativas a pessoa que a tal se opuser;
  - c) A publicação, por qualquer meio, da identidade de vítimas de crimes de tráfico de pessoas, contra a liberdade e autodeterminação sexual, a honra ou a reserva da vida privada, excepto se a vítima consentir expressamente na revelação da sua identidade ou se o crime for praticado através de órgão de comunicação social.
- 3 - Até à decisão sobre a publicidade da audiência não é ainda autorizada, sob pena de desobediência simples, a narração de actos processuais anteriores àquela quando o juiz, oficiosamente ou a requerimento, a tiver proibido com fundamento nos factos ou circunstâncias referidos no n.º 2 do artigo anterior.
- 4 - Não é permitida, sob pena de desobediência simples, a publicação, por qualquer meio, de conversações ou comunicações interceptadas no âmbito de um processo, salvo se não estiverem sujeitas a segredo de justiça e os intervenientes expressamente consentirem na publicação.

Oui, la Constitution portugaise reconnaît les garanties de la procédure pénale et consacre expressément le principe de la présomption d'innocence, à l'article 32., n° 2.

En outre, le procès criminel, en dépit de la règle de la publicité, permet aux procureurs de requérir que la procédure soit maintenue sous secret et, une fois terminé celui-ci, que les aspects de la vie privée restent toujours protégés.

En outre, et à titre d'exemple, il peut être interdit que, sous peine d'un crime de désobéissance, les médias puissent divulguer le contenu d'interceptions téléphoniques, même dans les cas où le dossier est devenu public ou est déjà terminé.

En tout cas les citoyens peuvent demander que certains aspects de leur vie privée soient divulgués ou que la présomption d'innocence ne soit pas violée, par biais de procédures judiciaires et d'actions en dommages et intérêts contre les médias.

Par fin le Code de procédure pénale, dans son article 88 dispose, efficacement sur ces aspects. Son libellé est le suivant :

1 - Il est permis pour les médias, dans les limites de la loi, la narration détaillée du contenu des actes de procédure qui ne sont pas couverts par le secret judiciaire ou dont le cours est permis à l'assistance de la population en général.

2 - Il n'est pas, toutefois, autorisé sous peine de désobéissance simple:

- a) La reproduction de mémoires ou actes incorporés dans le processus, jusqu'à ce que la phrase 1<sup>a</sup> cour d'appel, à moins qu'il n'ait été obtenu le certificat demandé, indiquant l'objet pour lequel il est destiné, ou si elles ont été à l'autorisation expresse de l'autorité présider la phase judiciaire de la procédure au moment de la publication;

- b) les images de transmission ou d'enregistrement sonore ou de décisions concernant la pratique de toute procédure pénale, y compris l'audience, à moins que l'autorité judiciaire visée à l'alinéa précédent, par arrêté, autoriser, ne peut, cependant, être autorisée à diffuser enregistrer des images ou des sons ou de la décision concernant la personne qui s'oppose à une telle;

- c) La publication, par tous moyens, l'identité des victimes de la traite des personnes crimes contre la liberté sexuelle et à l'autodétermination, à l'honneur ou à la vie privée, sauf si la victime expressément consenti à la divulgation de leur identité ou de la le crime est commis par le biais des médias de masse.

3 - Jusqu'à ce que la décision sur l'audience publicitaire n'est pas encore autorisé, sous peine de désobéissance narration simple de plaidoiries devant la Cour que, lorsque de sa propre initiative ou à la demande, ont interdit la base des faits ou des circonstances visées au n. 2 de l'article précédent.

4 - Il est interdit, sous peine de simple désobéissance, la publication, par tous moyens, conversations ou de communications interceptées en vertu d'une procédure, sauf si elles ne sont pas soumises au secret et les parties prenantes expressément consenti à la publication.

9. Des sanctions existent-elles (disciplinaires ou autres) à l'encontre des procureurs qui enfreignent les règles régissant les relations avec les médias, si elles existent?

Voire réponse n°7

10. De quelle manière le ministère public peut-il faire face aux risques en matière de sécurité posés par la divulgation d'informations concernant les procureurs et les affaires?

Em Portugal não existem regras próprias que estabeleçam uma relação de causa efeito para estas matérias. De qualquer forma, e de uma maneira geral, quando existirem riscos de segurança para um Procurador por causa da sua concreta actuação num processo judicial, pode o mesmo solicitar que lhe seja concedida vigilância especial da sua pessoa, família e bens, a requisitar pelo Conselho Superior do Ministério Público ou pelo procurador-geral distrital, por delegação daquele, ou, em caso de urgência, pelo magistrado, ao comando da força policial da área da sua residência, sempre que ponderosas razões de segurança o exijam (artigo 107.º, n.º 1, alínea j), do Estatuto do Ministério Público).

Au Portugal, il n'y a pas de règles spécifiques sur cette issue. Quoi qu'il en soit, et en général, quand il y a des risques de sécurité pour un Procureur en raison de son intervention concrète dans une procédure judiciaire, il ou elle peut demander qu'une surveillance particulière de sa personne, de sa famille et de sa propriété, lui soit accordée. Cette protection est accordée par par le Conseil supérieur du ministère public, par les procureurs généraux à niveau des districts judiciaires, en délégation, ou, en cas d'urgence, par le magistrat lui-même ou elle-même, lequel ou laquelle s'adressera au commandement de la force de police de son lieu de résidence, lorsque des motifs de sécurité l'exigent (article 107.º n.º 1, j) du Statut du ministère public).

11. Existe-t-il des dispositions visant à interdire la publication du nom d'un procureur (ou d'un juge) en charge d'une affaire? Existe-t-il des procédures qui, en pratique, visent à prévenir une telle publication?

Não existem regras ou procedimentos especiais que permitam a proibição da publicação ou da divulgação da identidade do procurador ou do juiz, titulares de um determinado processo judicial.

No entanto, é de admitir que em termos de providência cautelar não especificada, no domínio do processo civil, essa possibilidade possa ser alcançada, designadamente através do recurso aos direitos de personalidade, defesa do bom nome, direito à imagem, privacidade, segurança pessoal e institucional.

O conflito entre os direitos de personalidade e o direito à liberdade de imprensa deverá, face ao caso concreto, permitir alcançar uma decisão que de acordo com uma interpretação constitucional, faça prevalecer qual o interesse prevalecente, quer do ponto de vista da comunidade, quer do ponto de vista dos direitos pessoais do magistrado visado.

O Código Civil consagra esses direitos de personalidade nos artigos 70.º e seguintes e a lei processual civil determina uma providência especial de tutela da personalidade nos artigos 1474.º e 1475.º, sem prejuízo das regras gerais dos procedimentos cautelares não especificados previstas nos artigos 381.º a 392.º, do Código de Processo Civil onde se estabelece no artigo 391.º que, no caso de incumprimento da medida decretada, possa o infractor incorrer na prática de um crime de desobediência qualificada.

Il n'y a pas de règles ou de procédures spéciales qui permettent d'interdire la publication ou la divulgation de l'identité d'un ou d'une procureur ou d'un ou d'une juge, qui interviennent dans un dossier concret.

Cependant, ce résultat pourra être obtenu, par le biais d'une procédure civile, qui a comme fondement ses droits de la personnalité, de la défense de sa réputation, le droit à son image, à sa vie privée, à sa sécurité personnelle et institutionnelle.

La décision sur le conflit entre les soi disant droits de personnalité et le droit à l'information/liberté de la presse devra, dans le cas concret, dans le cadre établi par la Constitution, faire l'élection de l'intérêt supérieur, ayant en vue le point de vue de la société et les droits personnels de la personne concernée.

Le Code civil énonce ces droits de la personnalité à l'article 70 et suivants. Le droit procédural civil prévoit une mesure conservatoire spéciale en cas de protection des droits de la personnalité, dans les articles 1474.º et 1475.º. Ce-ci, sans préjudice des règles générales des mesures conservatoires établies par les articles 381º à 392º.

Aussi le Code de procédure civile prévoit à l'article 391º qu'en cas de violation de la mesure imposée, l'infracteur pourra être puni comme auteur d'un délit de désobéissance qualifiée.

## B. Organisation de la communication

12. De quelle manière les procureurs communiquent-ils avec la presse (communiqués de presse, conférences de presse, téléphone ou e-mail, réseaux sociaux, etc.) ?

A Procuradoria-Geral da República, ou o Conselho Superior do Ministério Público, sempre que justificado, designadamente pelo interesse público da matéria, emite comunicados ou notas de imprensa.

Não é habitual realizar conferências de imprensa, mas já aconteceu em situações pontuais.

Os contactos/pedidos dos jornalistas são feitos, em regra, por e-mail e a resposta é dada também por e-mail.

Não são utilizadas as redes sociais. No entanto, as páginas oficiais da Procuradoria-Geral da República e das Procuradorias-Gerais Distritais (de Lisboa e do Porto) são igualmente utilizadas para divulgar ao público e à comunicação social informação de interesse público.

Le Parquet General de la Republique ou le Conseil supérieur du ministère public, dans de cas justifiés, délivre des bulletins ou des communiqués de presse.

Les conférences de presse ne sont pas un moyen de communication largement utilisé, mais il y a des cas où des conférences ont déjà eu lieu.

Les contacts / demandes de journalistes sont présentés, le plus souvent par e-mail et la réponse est donnée par la même voie.

Les réseaux sociaux ne sont pas utilisés. Toutefois, les pages officielles du Parquet General de la Republique et du Procureur général du district (Lisboa et Porto) sont également utilisés pour diffuser des informations d'intérêt public pour le public et les médias.

13. Les procureurs peuvent-ils tenir des conférences de presse ou faire d'autres communications en cas d'enquêtes internationales? Si oui, quelle est la procédure à appliquer?

No caso de inquéritos que não sejam tramitados pelo Ministério Público em Portugal não são, em regra prestadas informações. Se no âmbito de tais inquéritos Portugal for solicitado para cumprimento de cartas rogatórias e for colocada qualquer questão à Procuradoria-Geral da República sobre esse assunto, apenas serão prestadas informações se tal for autorizado pelo Estado requerente da cooperação judiciária internacional.

Se estiver em causa investigação conjunta entre Portugal e outro Estado, as informações só serão prestadas depois de se avaliar conjuntamente essa possibilidade.

Pode, porém, como já aconteceu, ser divulgada a constituição de equipas conjuntas de investigação – divulgação que pode ser feita por iniciativa da Procuradoria-Geral da República, através de notas de imprensa ou mera divulgação na página oficial da Procuradoria-Geral na Internet, se se entender adequado e importante para o público e para a comunicação social, ou a pedido de concretos meios de comunicação social.

En ce qui concerne les enquêtes qui ne sont pas diligentées par le ministère public portugais, celui-ci ne donne normalement aucune information. Si les autorités de l'État qui mène l'enquête demandent à notre pays d'exécuter une commission rogatoire internationale et si les médias nous demandent des informations sur un acte judiciaire déterminé, le Parquet général de la République ne donne pas d'informations sans y être autorisé par l'État qui requiert l'entraide judiciaire internationale.

Quand il s'agit d'une investigation menée conjointement par le Portugal et un autre pays, les informations seront seulement données après une appréciation en commun sur la possibilité de fournir des renseignements sur ce cas. En tous les cas, comme il est déjà fait, il est possible de donner des informations sur la constitution d'équipes communes d'enquête – cette information peut être fournie, à l'initiative du Parquet général de la République, par des communiqués de presse ou sur le site officiel si elle est considérée comme appropriée et importante pour le public et les médias ou lorsque ceux-ci posent des questions sur ce sujet.

14. La communication se fait-elle avec tous les médias ou avec certains d'entre eux (journaux, média audiovisuels, internet)?

Os comunicados ou as Notas de imprensa são difundidas para todos os meios de comunicação social, e publicados na página oficial da Procuradoria-Geral da República na Internet.

Fora desses casos a comunicação é estabelecida com os *media* que contactam a Procuradoria-Geral da República, colocando questões concretas. Nestes casos a resposta é apenas dada ao jornal ou ao media audiovisual que coloca a questão.

Les communiqués de presse sont diffusés à tous les médias et publiés sur le site officiel Parquet général de la République.

En dehors de ces cas, la communication est établie avec les médias qui contactent le Parquet général de la République pour lui poser des questions concrètes. Dans ces cas, la réponse n'est donnée qu'au journal ou qu'au média audiovisuel qui pose la question

15. Existe-t-il une réglementation interdisant le droit d'accorder une préférence à certains journalistes ou, au contraire, d'en exclure certains?

No art. 54º nº 1 do Estatuto do Ministério Público (Lei 47/86, de 15/10, na redacção da Lei 60/98, de 27/8) prevê-se que «É assegurado o acesso, pelo público e pelos órgãos de comunicação social, à informação relativa à actividade do Ministério Público, nos termos da lei.»

Esta norma, conjugada com princípios fundamentais do direito à informação, designadamente do acesso dos jornalistas à informação e a liberdade e o pluralismo dos meios de comunicação social, não permitem que a Procuradoria-Geral da República dê preferência a certos jornalistas e que exclua outros.

A legislação que possa existir relativa a contratos de exclusividade não é aplicável às relações do Ministério Público com a comunicação social.

L'article 54, paragraphe 1, du Statut du ministère public (loi n° 47/86 du 15/10, telle que modifiée par la loi n° 60/98 du 27/8) prévoit que «L'accès à l'information relative à l'activité du ministère public est assuré au public et aux médias, conformément à la loi.»

Cette norme, ainsi que les principes fondamentaux du droit à l'information, y compris l'accès des journalistes à l'information, la liberté et le pluralisme des médias, ne permettent pas que le Parquet général de la République donne la préférence à certains journalistes et exclut d'autres.

Les lois qui peuvent exister sur les contrats d'exclusivité ne s'applique pas aux relations des procureurs avec les médias.

16. De quelle manière la communication est-elle organisée par le ministère public? Existe-t-il des porte-paroles? Si oui, quel est leur statut et sont-ils procureurs? Sinon, les procureurs communiquent-ils eux-mêmes? Le cas échéant, doivent-ils obtenir une autorisation pour le faire? Les procureurs sont-ils contrôlés en la matière?

No âmbito da Procuradoria-Geral da República foi criado um Gabinete de Imprensa, regulado pelo Decreto-lei 333/99, de 20/8, que tem diversas funções, em particular exercer assessoria em matéria de comunicação social, desenvolver formas de divulgação sistemática de informação sobre a actividade do Ministério Público; preparar diversa informação que facilite o exercício da actividade jornalística.

O Gabinete de Imprensa é, nos termos do referido Decreto-lei, constituído por um máximo de três elementos, um dos quais, pelo menos, deve possuir formação em comunicação social.

Actualmente o Gabinete de Imprensa é apenas composto por um elemento que tem a seu cargo a função de assessor de imprensa e que funciona como porta-voz para a comunicação social. Este elemento não é magistrado do Ministério Público.

As informações prestadas pelo assessor de imprensa são controladas superiormente por membros do Gabinete da Procuradora-Geral da República, designadamente pelo Chefe do Gabinete, ou, em certos casos, pela própria Procuradora-Geral da República.

Está prevista a reorganização do Gabinete de Imprensa e a definição de uma política para a imprensa, cujo plano ainda não se encontra totalmente delineado.

Au sein du Parquet général de la République, un Bureau de presse a été créé, réglementé par le décret-loi n° 333/99 du 20/8, et exerce plusieurs fonctions, notamment les orientations sur l'exercice de la communication sociale, le développement des moyens de diffusion systématique d'informations sur l'activité du ministère public, la préparation de diverses informations pour faciliter l'exercice des activités journalistiques.

Ce service de presse, en vertu dudit décret-loi, se compose d'un maximum de trois personnes, dont l'une, au moins, doit avoir une formation en communication sociale.

Actuellement, le service de presse se compose d'un seul élément qui est responsable de la fonction d'attaché de presse et agit comme porte-parole auprès des médias. Cet élément n'est pas procureur.

Les informations fournies par l'attaché de presse sont contrôlées supérieurement par les membres du Cabinet du Procureur général, y compris par le chef du Cabinet ou, dans certains cas, par le Procureur général lui-même.

Il est prévu de réorganiser le Bureau de la presse et de définir une politique de presse, dont le plan n'est pas encore pleinement défini.

17. Comment les médias communiquent-ils avec les procureurs (veuillez préciser, le cas échéant, s'il existe des représentants officiels, des journalistes spécialisés, si des autorisations sont nécessaires)?

A comunicação com os média é feita através do Gabinete de Imprensa da Procuradoria-Geral da República, que presta as informações solicitadas.

Se o jornalista pretender falar directamente com magistrados do Ministério Público, deverão fazer o contacto através daquele Gabinete de Imprensa.

Os magistrados do Ministério Público estão sujeitos ao dever de reserva pelo que, nos termos do art. 84º do respectivo Estatuto (Lei 47/86, de 15/10, na redacção da Lei 60/98, de 27/8) não podem fazer declarações ou comentários sobre processos, salvo, quando superiormente autorizados, para defesa da honra ou para a realização de outro interesse legítimo. Exceptuam-se desse dever de reserva as informações que, fora dos casos de segredo de justiça ou de sigilo profissional, tenham em vista a realização de direitos ou interesses legítimos, nomeadamente o acesso à informação.

Não existem jornalistas credenciados para os contactos com a Procuradoria-Geral da República.

La communication avec les médias se fait par l'intermédiaire du Bureau de presse du Parquet général de la République qui fournit les informations demandées.

Si le journaliste veut parler directement avec les procureurs, il doit prendre contact à travers ce service de presse.

Les procureurs sont tenus au devoir de réserve et ne peuvent donc, conformément à l'article 84 de leur Statut (loi n° 47/86 du 15/10, telle que modifiée par la loi n° 60/98 du 27/8) faire aucune déclaration ou aucun commentaire sur des affaires judiciaires sauf, sur autorisation supérieure, pour défendre leur honneur ou en défense d'autres intérêts légitimes.

Quoi qu'il en soit, ne sont pas concernées par le devoir de réserve les informations dont le contenu n'est pas couvert par le secret de l'instruction ou le secret professionnel et qui visent à réaliser des droits ou des intérêts légitimes, notamment le droit d'accès à l'information.

Il n'y a pas de journalistes accrédités pour les contacts avec le Parquet général de la République.

18. Quelles sont les informations qui peuvent être divulguées? (noms des parties, des témoins, des procureurs; certains faits qui sont dévoilés grâce à l'enquête, liés ou non à l'affaire)?

Apenas se poderão divulgar informações que não ponham em causa direitos fundamentais das pessoas.

Existem limitações legais às informações a prestar, desde logo as decorrentes do segredo de justiça (art. 86º e segs. do Código de Processo Penal).

Saliente-se que actualmente, a regra é a da publicidade do processo, com as excepções previstas, em termos gerais, nos nºs 2 e 3 do mesmo preceito do Código de Processo Penal.

Pese embora, ainda que a publicidade do processo implique, para além do mais, o direito à "narração dos actos processuais, ou reprodução dos seus termos pelos meios de comunicação social (º 6, al. b) do mesmo artigo 86º), ficam excluídos da publicidade "os dados relativos à reserva da vida privada que não constituam meios de prova", competindo à autoridade judiciária especificar os elementos relativamente aos quais se mantém o segredo de justiça.

Por outro lado, como se dispõe no art. 88º do CPP, embora aos órgãos de comunicação social seja permitida, dentro dos limites da lei, "a narração circunstanciada do teor de actos processuais que não se encontrem cobertos por segredo de justiça ou a cujo decurso for permitida a assistência do público em geral", não é autorizada, sob pena de desobediência simples, "a reprodução de peças processuais ou de documentos incorporados no processo, até à sentença de 1ª instância" excepto se aqueles elementos tiverem sido obtidos através de certidão que mencione o fim a que se destina ou tiver havido autorização expressa da autoridade judiciária que presidir à fase processual no momento em que os mesmos são publicados.

Não é igualmente permitida a transmissão ou o registo de imagens ou de som de actos processuais, designadamente da audiência, salvo autorização, por despacho, da autoridade judiciária que preside à fase processual, e se não houver oposição da pessoa cuja imagem ou som é recolhido.

Está também vedada a publicação, por qualquer meio, da identidade de vítimas de crimes de tráfico de pessoas, contra a liberdade e autodeterminação sexual, a honra, a reserva da vida privada, salvo se a vítima autorizar expressamente ou se o crime for cometido através da comunicação social.

São também vedadas, sob pena de desobediência simples : (i) Até à decisão sobre a publicidade da audiência, a narração de actos processuais anteriores à mesma, se o juiz, oficiosamente ou a requerimento, a tiver proibido com fundamento nos factos e circunstâncias que justificam a proibição imposta quanto à identidade das vítimas dos crimes supra referidos; (ii) a publicação, por qualquer meio, de conversações ou comunicações interceptadas, salvo se não estiverem sujeitas a segredo de justiça e os intervenientes autorizarem expressamente a sua publicação.

Les informations qui compromettent les droits fondamentaux des personnes ne sont pas divulguées.

Il y a des limites juridiques concernant les informations à fournir, en particulier celles liées par le secret de l'instruction (articles 86 et suivants du Code de procédure pénale).

Il convient de noter qu'à l'heure actuelle, la règle est celle de la publicité de la procédure, en tenant compte des exceptions énoncées, en termes généraux, aux paragraphes 2 et 3 du même article du Code de procédure pénale. Bien que la publicité de la procédure implique le droit de « narration des actes de procédure ou la reproduction de ses pièces par les médias (paragraphe 6, al. b) de l'article 86), sont exclues de la publicité "des données relatives à la vie privée qui ne constituent pas de moyens de preuve. Il incombe à l'autorité judiciaire de préciser quels sont les éléments couverts par le secret de l'instruction.

Par ailleurs, comme il est dit dans l'article 88 du Code de procédure pénale, bien que les médias soient autorisés, dans les limites de la loi, « à faire la narration détaillée des actes de procédure qui ne sont pas couverts par le secret de l'instruction ou auxquels est permise l'assistance du public en général », est interdite, sous peine de désobéissance, la « reproduction de pièces de procédure ou d'actes versés au dossier de la procédure jusqu'au prononcé du jugement en première instance, à moins que ces éléments aient été obtenus par un certificat attestant l'usage auquel ils sont destinés ou expressément autorisés par l'autorité judiciaire qui dirige le stade de la procédure au moment où ils sont publiés.

Il est également interdit de diffuser ou d'enregistrer toute image ou parole, en particulier de l'audience, sauf si cela est autorisé par ordonnance de l'autorité judiciaire qui dirige le stade de la procédure et s'il n'y a pas opposition de la personne dont l'image ou la parole est recueillie.

Il est également interdit de publier, par tous moyens, l'identité de personnes victimes de crimes et délits de la traite des êtres humains, contre la liberté sexuelle et l'autodétermination, l'honneur, la vie privée, sauf si la victime y donne expressément son consentement ou si le crime ou délit est commis à travers les médias.

Sont également exclues, sous peine de désobéissance simple: (i) Jusqu'à la décision sur la publicité de l'audience, la narration des actes de procédure avant celle-ci, si le juge, d'office ou sur demande, l'interdit sur la base des faits et des circonstances qui justifient toute interdiction à l'égard de l'identité des victimes des crimes et délits

énumérés ci-dessus, (ii) la publication, par tout moyen quel que ce soit, de conversations ou de communications interceptées, sauf si celles-ci ne sont pas couvertes par le secret de l'instruction et si les parties intervenantes autorisent expressément leur publication.

19- Existe-t-il une politique officielle visant à encourager les procureurs à répondre aux besoins des médias, et, le cas échéant, de quelle manière cette politique est-elle mise en œuvre?

A Procuradoria-Geral da República considera importante a existência de uma política comunicacional com os media, tendo procurado melhorar os procedimentos que têm sido seguidos até agora, de modo a responder cabalmente às necessidades daqueles, num espírito de cooperação e de entendimento mútuo das necessidades que decorrem do direito do acesso à informação e dos limites que decorrem da lei e dos princípios gerais quanto à informação que é possível prestar.

Para além de ter em funcionamento permanente um Gabinete de Imprensa que responde diariamente às questões que são colocadas pelos jornalistas, a Procuradoria-Geral da República emite comunicados de imprensa sempre que o interesse público o exige, disponibiliza na sua página oficial na Internet diversa informação, designadamente sobre as funções do Ministério Público, sobre a sua actuação e sobre legislação fundamental ; divulga a agenda semanal da Procuradora-Geral da República, permitindo aos media acompanhar a sua actividade; participa em iniciativas de debate de temas relativos às relações entre a comunicação social e a justiça; abre certas iniciativas ou reuniões à comunicação social, elabora notas de imprensa para divulgação do resultado de reuniões; celebrou um Protocolo com a Entidade Reguladora para a Comunicação Social, que, para além de outros, tem como objectivo realizar sessões de trabalho que permitam aprofundar questões que se relacionem com a comunicação social.

Refira-se ainda, que nas páginas oficiais das Procuradorias-Gerais Distritais de Lisboa e do Porto na Internet são igualmente divulgadas informações com interesse para os media, designadamente relativas a decisões finais de processos com interesse público, à actividade desenvolvida pelos magistrados do Ministério Público de cada um dos respectivos distritos judiciais e informação estatística relativa a fenómenos criminais em cada um daqueles distritos judiciais.

Como se afirmou, está em curso uma reformulação da estratégia comunicacional da Procuradoria-Geral da República, que permitirá delinear e implementar estruturas que garantam uma mais fluida e criteriosa relação comunicacional.

Le Parquet général de la République considère très importante l'existence d'une politique de communication avec les médias et vise à améliorer les méthodes suivies jusqu'à présent, afin de répondre efficacement aux besoins des moyens de communication, dans un esprit de coopération et de compréhension mutuelle des besoins découlant du droit d'accès à l'information et des limites imposées par la loi et des principes généraux concernant les informations susceptibles d'être fournies.

En dehors du fonctionnement permanent du Bureau de presse qui répond quotidiennement aux questions qui lui sont posées par les journalistes, le Parquet général de la République diffuse des communiqués de presse chaque fois que l'intérêt public l'exige, met à disposition sur son site officiel des informations diversifiées, notamment sur les fonctions du ministère public, sur ses actions et sur la législation clé, publie le planning hebdomadaire du Cabinet du Procureur général, ce qui permet aux médias de suivre son activité, participe à des débats sur des thèmes concernant les relations entre les médias et la justice, propose des initiatives ou des réunions ouvertes aux médias, prépare les communiqués de presse pour faire connaître les résultats des réunions ; le Parquet a également signé un protocole avec l'Autorité de régulation des médias ayant pour but, entre autres, d'organiser des ateliers permettant d'approfondir la réflexion sur des questions liées aux médias.

Il est à noter de plus que, sur le site officiel des parquets généraux des districts de Lisbonne et de Porto, des renseignements d'intérêt pour les médias sont également diffusés, à savoir, les décisions finales concernant des affaires judiciaires ayant un intérêt public, l'activité exercée par les procureurs de chacun des districts judiciaires respectifs et les informations statistiques relatives aux phénomènes de la criminalité dans chacun de ces districts judiciaires.

Comme il a déjà été dit, une refonte de la stratégie de communication du Parquet général de la République est en cours afin de concevoir et de mettre en œuvre des structures qui assurent une relation de communication plus fluide et plus réfléchie.

20. Les communications de procureurs avec les médias sont-elles systématiquement contrôlées et évaluées à l'aide d'un mécanisme de suivi, de réactions du public, d'enquêtes de communication ou d'autres mesures?

Não existe uma avaliação sistemática e estruturada. De qualquer forma procura-se fazer essa avaliação através da reacção do público.

A definição de critérios e meios de avaliação será também objecto do plano de renovação da estratégia e política comunicacional que se pretende implementar.

Il n'y a pas une approche systématique et structurée. Quoi qu'il en soit, cette évaluation est recherchée à travers la réaction du public et des médias.

La définition des critères et des moyens d'évaluation fait aussi l'objet du plan de rénovation de la stratégie et de la politique de communication que le Parquet général de la République vise à mettre en œuvre.

### C. L'approche pro-active du ministère public vis-à-vis des médias

21. Le ministère public a-t-il développé une approche pro-active vis-à-vis des médias (accès aux décisions du procureur, envoi d'une sélection d'affaires pertinentes à l'attention des médias)?

Não existe uma abordagem pro-activa estruturada e sistematizada nesta perspectiva.

Em regra, os media apenas têm acesso às decisões dos magistrados do Ministério Público se requererem a consulta do processo, quando é proferido despacho final.

Como se referiu, ao nível das Procuradorias-Gerais Distritais de Lisboa e do Porto, principalmente na primeira, são divulgadas, por síntese, quanto ao seu sentido e fundamentos, certas decisões finais.

Por vezes são transmitidos aos media certos assuntos que poderão relevar para a sua função de informar.

Il n'existe pas une approche pro-active systématique et structurée de ce point de vue.

En règle générale, les médias ont uniquement accès aux décisions des procureurs s'ils demandent d'accéder au dossier d'une affaire, quand la décision finale est prononcée.

Comme il a été mentionné précédemment, au niveau des parquets généraux des districts de Lisbonne et de Porto, surtout le premier, certaines décisions finales sont divulguées, par synthèse, notamment quant au sens et au bien-fondé, sur leurs sites officiels.

Parfois, certaines affaires sont transmises aux médias qui pourraient être importantes pour leur mission d'information..

22. Le ministère public a-t-il développé des activités visant à expliquer au public et aux médias le travail des procureurs et à les informer des derniers développements (journée portes ouvertes, visites des tribunaux, publication de brochures, production de matériel éducatif en ligne)?

Como já referido na pergunta 19 a Procuradoria-Geral da República disponibiliza na sua página oficial na Internet diversa informação, designadamente sobre as funções do Ministério Público e também sobre a sua história ; sobre a sua actuação e sobre legislação fundamental; disponibiliza uma Base de Dados das Circulares e Directivas da Procuradoria-Geral da República para a actuação uniforme dos magistrados do Ministério Público; disponibiliza uma Base de Dados dos Pareceres do Conselho Consultivo da Procuradoria-Geral da República; divulga os Protocolos celebrados pela Procuradoria-Geral da República com outras entidades; divulga a agenda semanal da Procuradora-Geral da República, permitindo aos media acompanhar a sua actividade; participa em iniciativas de debate de temas relativos às relações entre a comunicação social e a justiça, para além de outros temas de interesse sobre a justiça; abre certas iniciativas ou reuniões à comunicação social, publicou já uma revista que dava a conhecer a actividade da Procuradoria-Geral e do Ministério Público ; está a implementar visitas ao edifício em que se situa a Procuradoria-Geral.

Na página oficial da Procuradoria-Geral Distrital de Lisboa encontra-se disponível inúmera informação sobre a actividade do Ministério Público nas diversas jurisdições, com explicitação dos procedimentos a que os cidadãos podem recorrer (num canal dedicado ao Cidadão); dispõe de uma base de dados de legislação com um âmbito muito alargado; divulga inúmera informação jurídica de interesse público e para os meios de comunicação social, e dispõe de um forum, no qual se podem colocar questões de natureza jurídica.

Comme il est mentionné à la question 19, le Parquet général de la République propose sur son site officiel des informations diversifiées sur, notamment, les fonctions de procureur et son histoire, son travail et la législation clé, fournit une base de données rassemblant les circulaires et directives du Parquet général de la République tendant à uniformiser l'action des procureurs et une base de données des avis du Conseil consultatif du Parquet général de la République, publie les protocoles signés par le Parquet général de la République et d'autres entités, publie l'agenda hebdomadaire du Cabinet du Procureur de la République permettant aux médias de suivre son activité, participe à des initiatives pour débattre des questions liées aux relations entre les médias et la justice, ainsi que d'autres sujets d'intérêt sur la justice, déploie des initiatives ou des réunions ouvertes aux médias ; un magazine a déjà été publié pour faire connaître l'activité du Parquet général de la République et du ministère public; des visites à l'édifice où se situe le Parquet général de la République sont souvent organisées.

Sur le site officiel du Parquet général de district de Lisbonne, de nombreuses informations sur le travail des procureurs dans différentes juridictions sont mises à disposition, avec force détails sur les procédures que les citoyens peuvent utiliser (un lien est dédié au Citoyen), outre une base de législation d'un champ d'application très

large ; de même, plusieurs informations d'intérêt juridique pour le public et les médias peuvent y être trouvées ainsi qu'un forum pour y poser des questions de nature juridique.

23. La communication avec les médias peut-elle être utilisée comme un outil d'enquête (par exemple en diffusant des portrait-robots, voire même des images des scènes de crimes)? Si oui, veuillez spécifier.

Em certas situações os media podem ser efectivamente úteis para a divulgação de certas informações que poderão ser servir à investigação, como por exemplo a divulgação de retratos robots de eventuais suspeitos ou de pessoas desaparecidas ; divulgação de certas imagens ou informações sobre determinados crimes, de modo a permitir que eventuais testemunhas dos factos, ou pelo menos de factos que sejam úteis à investigação, sejam alertadas e possam dirigir-se às autoridades para colaborar com a justiça – o que é, em regra feito com respeito por direitos fundamentais dos envolvidos. Em regra, são os órgãos de polícia criminal, em particular a Polícia Judiciária, que coadjuvam o Ministério Público na investigação, que desencadeiam estas iniciativas, sendo de salientar, contudo, que as mesmas deverão ser conhecidas e autorizadas pelo Ministério Público, autoridade judiciária que dirige o inquérito.

Refira-se que no Sistema de Alerta de Rapto de Menores, no âmbito do qual compete à Procuradora-Geral da República decidir da sua activação e dos meios que serão utilizados na detecção dos menores, intervêm também, para divulgação da mensagem de alerta, os meios de comunicação social.

Dans certaines situations, les médias peuvent effectivement être utiles pour la divulgation de certains renseignements susceptibles d'être utilisés aux investigations, tels que la divulgation de portraits robot d'éventuels suspects ou de photos de personnes disparues, la divulgation de certaines images ou d'informations sur certains crimes afin de permettre que de possibles témoins des faits ou, du moins, de faits importants pour l'investigation, soient alertés et puissent s'adresser aux autorités pour collaborer avec la justice (la divulgation est faite en respectant les droits fondamentaux des personnes).

En règle générale, c'est la police criminelle, en particulier la police judiciaire, qui aide les procureurs dans les enquêtes et déclenche ces initiatives, lesquelles, soulignons-le, sont toutefois portées à la connaissance du ministère public et autorisées par celui-ci, autorité judiciaire qui dirige l'enquête.

Il est à noter qu'à l'égard du Système d'alerte d'enlèvement des mineurs (en vertu duquel il appartient au Parquet général de la République de décider sur son activation et sur les moyens à utiliser dans la détection des mineurs), les médias eux-mêmes s'impliquent dans la diffusion des messages d'alerte.

#### **D. La formation professionnelle de procureurs et des journalistes, leur éthique, leurs comportements et les moyens de communication**

24. Au cours de leur formation initiale et continue, les procureurs sont-ils formés sur les normes de la Convention européenne des droits de l'homme en matière de la liberté d'expression et d'accès à l'information?

A resposta é afirmativa. Ao longo dos anos o Centro de Estudos Judiciários – instituição em Portugal responsável pela formação inicial e contínua de magistrados do ministério público e judiciais - tem organizado acções de formação dedicadas às temáticas enunciadas.

La réponse est oui. Au fil des ans, le Centre d'études judiciaires - institution au Portugal chargée de la formation initiale et continue des juges et des procureurs - a organisé des cours de formation consacrés aux thèmes ci-dessus mentionnés.

25. Les procureurs sont-ils formés sur la manière de travailler avec les médias?

Sim, ainda que de uma forma ainda um pouco incipiente. Ao nível da Procuradoria-Geral da República está em curso a realização de uma estratégia de base para se aprofundar a temática de melhor comunicar com os média.

Oui, même si cette formation est encore embryonnaire. Au sein du Parquet général de la République, est en cours la réalisation d'une stratégie de base pour approfondir le thème d'une meilleure communication avec les médias.

26. Les journalistes sont-ils formés sur la manière de travailler avec le ministère public?

A resposta a esta questão não pode ser dada com total certeza. Existem órgãos de comunicação social já vocacionados para o tema da Justiça porém, muitas das informações comunicadas não possuem um elevado rigor técnico.

É possível constatar, e a título de exemplo, que os cursos universitários leccionados nalgumas universidades portuguesas prevêem a disciplina denominada «Direito da Comunicação e Direitos Fundamentais», sendo que da análise do seu programa curricular nada é concretamente assinalado quanto à concreta temática da actuação do Ministério Público (cf. Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa - [http://www.fch.lisboa.ucp.pt/resources/Documentos/Programas%202012-2013/Pasta%20CSC/CSC\\_Direito.pdf](http://www.fch.lisboa.ucp.pt/resources/Documentos/Programas%202012-2013/Pasta%20CSC/CSC_Direito.pdf).)

La réponse à cette question ne peut être donnée avec certitude. Il existe déjà des médias axés sur le thème de la justice, cependant, une grande partie de l'information communiquée n'est pas d'une grande précision technique. Il est possible de constater, à titre d'exemple, que les cursus universitaires dispensés dans certaines universités portugaises proposent un cours intitulé «Droit de la communication et droits fondamentaux» ; néanmoins, en examinant leur programme, rien n'est spécifiquement indiqué au sujet de l'objet même de l'action du ministère public (cf. [Faculté des sciences humaines de l'Université catholique portugaise http://www.fch.lisboa.ucp.pt/resources/Documentos/Programas%202012-2013/Pasta%20CSC/CSC\\_Direito.pdf](http://www.fch.lisboa.ucp.pt/resources/Documentos/Programas%202012-2013/Pasta%20CSC/CSC_Direito.pdf).)

27. Existe-t-il des cours de formation, des conférences, des séminaires conjoints organisés pour les procureurs et les journalistes afin de les aider à mieux comprendre le rôle de chacun et de se soutenir mutuellement, dans le cadre d'un juste équilibre entre les droits mentionnés ci-dessus, la présomption d'innocence et le droit à la protection de la vie privée?

Sim. Já foram organizados diversos cursos e seminários que envolvem procuradores, juizes e jornalistas sobre as temáticas assinaladas, designadamente sobre a organização do Centro de Estudos Judiciários. Além disso, a Procuradoria-Geral da República e a Entidade Reguladora para a Comunicação Social celebraram um protocolo no decurso do ano de 2012 que, para além de outros aspectos, consagra a organização e realização periódica de encontros de trabalho, acções de formação e de intercâmbio documental e bibliográfico relacionados com a actividade do Ministério Público e dos órgãos de comunicação social.

Oui. Plusieurs cours et séminaires ont déjà été organisés sur les questions soulevées, y compris l'organisation du Centre d'études judiciaires, auxquels ont participé des procureurs, des juges et des journalistes. En outre, le Parquet général de la République et l'Autorité de régulation des médias ont signé un protocole au cours de l'année 2012 établissant, entre autres, l'organisation et la tenue d'ateliers réguliers et d'actions de formation, ainsi que l'échange documentaire et bibliographique, liés à l'activité des procureurs et des médias.

28. Existe-t-il des associations professionnelles rassemblant des médias et des journalistes qui sont compétentes pour régler les interactions avec le ministère public?

Em Portugal existe a Entidade Reguladora para a Comunicação Social a quem poderá caber esse papel. O Protocolo enunciado na resposta anterior contribuirá para uma estreita relação institucional.

Au Portugal, il existe l'Autorité de régulation des médias qui peut assurer ce rôle. Le protocole mentionné dans la réponse précédente a pour objet de contribuer à une plus étroite relation institutionnelle.

#### **E. Réglementation des activités de médias**

29. Existe-t-il une structure professionnelle interne (ou une autre institution) qui régleme les activités des médias ou qui traite des plaintes déposées contre les médias en raison d'une violation d'un droit individuel dans le cadre d'une procédure pénale?

A Constituição da República prevê no art. 39º que a regulação da comunicação social compete a uma entidade administrativa independente, à qual, para além do mais, deve assegurar, nos meios de comunicação social, «O respeito pelos direitos, liberdades e garantias pessoais» e «O respeito pelas normas reguladoras das actividades de comunicação social.»

Actualmente essa competência é exercida pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC) - Lei nº 53/2005 de 8 de Novembro.

A regulação tem como objectivos, para além do mais, «Assegurar a protecção dos direitos de personalidade individuais sempre que os mesmos estejam em causa no âmbito da prestação de serviços de conteúdos de comunicação social sujeitos à sua regulação.»

Qualquer interessado pode apresentar queixa à Entidade Reguladora para a Comunicação Social relativamente a comportamento susceptível de configurar violação de direitos, liberdades e garantias ou de quaisquer normas legais ou regulamentares aplicáveis às actividades de comunicação social.

Para além disso, a ERC intervém nas situações de denegação ou de cumprimento deficiente do exercício do direito de resposta ou de rectificação por qualquer entidade que prossiga actividades de comunicação social.

O conselho regulador, órgão da ERC, oficiosamente ou a requerimento de um interessado, pode adoptar directivas genéricas destinadas a incentivar padrões de boas práticas no sector da comunicação social, bem como dirigir, sem carácter vinculativo, recomendações concretas a um meio de comunicação social individualizado.

As decisões daquela entidade, contudo, têm carácter vinculativo e, tal como as suas directivas e recomendações, são obrigatoriamente divulgados no seu sítio electrónico.

As recomendações e decisões são divulgadas na imprensa escrita, incluindo o seu suporte electrónico, na televisão, na rádio e nos serviços editoriais disponibilizados através de redes de comunicações electrónicas.

Constitui crime de desobediência qualificada a recusa de acatamento ou o cumprimento deficiente, com o intuito de impedir os efeitos por ela visados, de Decisão que ordene a publicação ou transmissão de resposta, de rectificação.

Compete à ERC processar e punir a prática das contra-ordenações previstas nos Estatutos daquela entidade, bem como aquelas que lhe forem atribuídas por qualquer outro diploma, em matéria de comunicação social.

Existe ainda a Comissão da Carteira Profissional de Jornalista - Decreto-Lei n.º 70/2008 de 15 de Abril – organismo independente de direito público, ao qual incumbe assegurar o funcionamento do sistema de acreditação profissional dos jornalistas, equiparados a jornalistas, correspondentes e colaboradores da área informativa dos órgãos de comunicação social, bem como o cumprimento dos respectivos deveres profissionais, nos termos do Estatuto do Jornalista e do referido decreto -lei.

Este organismo tem, para além do mais, competência para apreciar, julgar e sancionar a violação, pelos jornalistas, equiparados a jornalistas, correspondentes e colaboradores da área informativa dos órgãos de comunicação social, dos deveres profissionais enunciados no n.º 2 do artigo 14.º do Estatuto do Jornalista e Instruir os processos de contra -ordenação por infracção aos artigos 3.º, 4.º, 5.º, 7.º -A, 7.º -B, 15.º e 17.º do Estatuto do Jornalista e aplicar as respectivas coimas e sanções acessórias. Tem igualmente poderes disciplinares relativamente às violações dos deveres enunciados no n.º 2 do artigo 14.º do Estatuto do Jornalista – designadamente : *Abster -se de formular acusações sem provas e respeitar a presunção de inocência; d) Abster -se de recolher declarações ou imagens que atinjam a dignidade das pessoas através da exploração da sua vulnerabilidade psicológica, emocional ou física ; Não tratar discriminatoriamente as pessoas, designadamente em razão da ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual; f) Não recolher imagens e sons com o recurso a meios não autorizados a não ser que se verifique um estado de necessidade para a segurança das pessoas envolvidas e o interesse público o justifique; g) Não identificar, directa ou indirectamente, as vítimas de crimes contra a liberdade e autodeterminação sexual, contra a honra ou contra a reserva da vida privada até à audiência de julgamento, e para além dela, se o ofendido for menor de 16 anos, bem como os menores que tiverem sido objecto de medidas tutelares sancionatórias.*

A violação de direitos individuais no âmbito de um processo penal pode também dar lugar a procedimentos civis ou criminais, para cuja investigação é competente o Ministério Público, enquanto autoridade judiciária à qual se encontra cometida, nos termos do art. 219º da Constituição da República e do Código de Processo Penal, a competência para o exercício da acção penal.

Os respectivos processos são tramitados, de acordo com as regras de competência territorial, nos mesmos serviços do Ministério Público que tramitam e investigam os restantes processos criminais, não existindo qualquer estrutura/serviço do Ministério Público ou tribunal especializado nesta matéria.

La Constitution prévoit à l'article 39 que cette réglementation des médias revient à une entité administrative indépendante qui doit assurer, entre autres, au sein des médias, "le respect des droits, libertés et garanties" et «Le respect des règles régissant les activités des médias. "

Actuellement, ce pouvoir est exercé par l'Autorité de régulation des médias (ERC) en application de la loi n° 53/2005, du 8 novembre.

Ce règlement vise, en outre, à «assurer la protection des droits de la personnalité individuelle lorsque ceux-ci sont mis en cause par les contenus des activités des médias soumis à la réglementation."

Toute personne intéressée peut déposer une plainte auprès de l'Autorité de régulation des médias concernant toute conduite susceptible de violation des droits, libertés et garanties ou des lois ou règlements applicables aux médias.

En outre, cet organisme intervient dans des situations de déni ou de déficiente exécution de l'exercice du droit de réponse ou de rectification par toute entité exerçant des activités dans le domaine des médias.

Le Conseil de régulation, organe de l'Autorité de régulation des médias, agissant de sa propre initiative ou sur demande d'une partie intéressée, peut adopter des directives génériques pour la promotion de bonnes pratiques dans le secteur des médias, et adresser des recommandations non contraignantes à un média individuel.

Les décisions de cette entité ont cependant un caractère contraignant et sont, tout comme les directives et recommandations, obligatoirement publiées sur le site officiel.

Les recommandations et les décisions sont publiées dans la presse, y compris son support électronique, et transmises à la télévision, à la radio et aux services d'édition disponibles par le biais des réseaux de communications électroniques.

Le non respect de la décision ordonnant la publication, la transmission ou la rectification d'une réponse, que ce soit dans son intégralité ou en partie, dans le but d'empêcher les effets visés, constitue un délit de désobéissance qualifiée.

Il incombe à l'Autorité de régulation des médias de poursuivre et de réprimer les infractions prévues dans le statut de cette entité et dans d'autres textes à l'égard des médias. Il y a également une Commission de la carte professionnelle du journaliste - décret-loi n° 70/2008, du 15 avril -, un organisme indépendant de droit public qui est chargé d'assurer le fonctionnement du système d'accréditation professionnelle des journalistes, assimilés aux journalistes, correspondants et collaborateurs du service d'information des médias, et le respect de leurs devoirs professionnels en vertu du Statut des journalistes et dudit décret-loi.

Cet organisme est aussi compétent pour apprécier, juger et sanctionner la violation, de la part des journalistes, assimilés aux journalistes, correspondants et collaborateurs du service d'information des médias, des obligations professionnelles énoncées au paragraphe 2 de l'article 14 du Statut des journalistes, instruire les procédures pour violation des articles 3, 4, 5, 7-A, 7-B, 15 et 17 du Statut des journalistes, et appliquer à leur encontre les amendes et les peines complémentaires. Il a également le pouvoir de sanctionner les violations des devoirs énumérés au paragraphe 2 de l'article 14 du Statut du journaliste, en particulier, « Ne pas faire d'accusation sans preuve et respecter la présomption d'innocence; d) Ne pas recueillir de déclarations ou d'images portant atteinte à la dignité des personnes, en exploitant leur vulnérabilité psychologique, émotionnelle ou physique ; ne pas traiter de manière discriminatoire les personnes en raison de leur ascendance, sexe, race, langue, territoire d'origine, religion, de leurs convictions politiques ou idéologiques, de leur éducation, statut économique, statut social ou orientation sexuelle ; f) Ne pas recueillir d'images et de sons par des moyens non autorisés, sauf si cela s'avère nécessaire pour la sécurité des personnes concernées et si l'intérêt public l'exige ; g) Ne pas identifier, directement ou indirectement, les victimes de délits contre la liberté sexuelle et l'autodétermination, contre l'honneur ou contre la vie privée, et ce jusqu'à l'audience ou au-delà de celle-ci, si la victime est un mineur de 16 ans, ainsi que les mineurs qui ont fait l'objet de mesures de tutelle punitives.

La violation des droits individuels dans le cadre d'une procédure pénale peut également entraîner des poursuites civiles ou pénales, l'enquête étant de la compétence du ministère public, autorité judiciaire chargée, en vertu de l'article 219 de la Constitution et du Code de procédure pénale, d'exercer l'action publique.

Ces procédures sont diligentées, selon les règles de compétence territoriale, par les mêmes services du Parquet qui enquêtent les autres affaires pénales, étant donné qu'il n'existe pas de structure / service du Parquet ou un tribunal spécialisés en la matière.

30. Veuillez décrire brièvement la procédure pénale, administrative et/ou civile concernant la diffamation, la calomnie et/ou une violation équivalente concernant la réputation d'une personne. Quel est le rôle du ministère public en la matière ?

Procedimentos criminais : Os crimes de difamação ou calúnia, mesmo cometidos por meio da comunicação social, têm natureza semi-pública, pelo que, o procedimento criminal apenas se inicia se o ofendido apresentar queixa (art. 188º do Código Penal).

Apresentada queixa, compete ao Ministério Público o exercício da acção penal (art. 49º do Código de Processo Penal), promovendo e dirigindo a investigação durante o inquérito, deduzir acusação (se for caso disso) e sustentá-la efectivamente na instrução e no julgamento; Interpor recurso da decisão, ainda que no exclusivo interesse da defesa e promover a execução das penas e das medidas de segurança (art. 53º do Código de Processo Penal).

A matéria do procedimento criminal é também objecto de normas específicas em diplomas relativos aos meios de comunicação social.

Assim, a Lei 2/99, de 13/1 – Lei da Imprensa - dispõe no seu art. 30º nº 1 que a apreciação dos crimes relativos à publicação de textos ou imagens através da imprensa que ofenda bens jurídicos penalmente protegidos é da competência dos tribunais judiciais. O art. 37º dispõe que o procedimento por crimes de imprensa se rege pelas disposições do Código de Processo Penal e da legislação complementar, em tudo o que não estiver especialmente previsto naquela lei.

Relativamente à competência territorial o art. 38º estabelece normas específicas, designadamente : para conhecer dos crimes de imprensa é competente o tribunal da comarca da sede da pessoa colectiva proprietária da publicação ou, se a mesma for propriedade de pessoa singular, o tribunal da comarca onde essa pessoa tiver o seu domicílio ; para conhecer dos crimes de difamação ou de injúria é competente o tribunal da comarca do domicílio do ofendido.

A Lei da rádio 54/2012 de 24/12 e a Lei 27/2007, de 30/7, na redacção da Lei n.º 8/2011, de 11 de Abril, contêm normas de idêntica natureza e sentido.

Procedimento civil – Depende de iniciativa de acção dos ofendidos.

As referidas Leis da Imprensa - rádio e televisão dispõem que na determinação das formas de efectivação da responsabilidade civil emergente de factos cometidos por meio da imprensa se observam os princípios gerais, não havendo, assim, qualquer especialidade.

Em princípio, o Ministério Público não intervém nos procedimentos cíveis, pelo menos a título principal. Poderá intervir em representação das entidades ou pessoas cuja representação lhe esteja legalmente cometida, designadamente em representação de menores ou de incapazes cujos interesses e direitos não seja possível defender por outrem.

Procedimentos administrativos (contra-ordenações) – A fase administrativa destes procedimentos segue as regras gerais dos processos de contra-ordenação, previstos no DL 433/82, de 27/10.

O Ministério Público, em regra, não intervém nessa fase do processo, salvo nos casos em que seja necessário levar a efeito diligências de prova que exijam intervenção judicial.

A instrução e a decisão dos processos de contra-ordenação, na sua fase administrativa, depende das contra-ordenações em causa, como já resulta do referido na questão 29, podendo ser da competência da Entidade Reguladora para a Comunicação Social ou da Comissão da Carteira Profissional de Jornalista.

O processo transitará para os tribunais apenas quando o visado impugne judicialmente a decisão da autoridade administrativa.

Neste caso, o processo é remetido, pela autoridade administrativa ao Ministério Público, que o remeterá ao tribunal, valendo esse acto como acusação (art. 62º do DL 433/82, de 27/10). O Ministério Público intervém nas fases subsequentes do processo, em defesa da decisão da entidade administrativa mas com sujeição a critérios de isenção, objectividade e legalidade.

Procédures pénales: La procédure criminelle pour des crimes de diffamation ou de calomnie, même quand ils sont commis par les médias, ne peut être déclenchée qu'après présentation d'une plainte par les personnes offensées (art. 188 du Code pénal) une fois qu'il s'agit de délits semi-publicques.

Une fois présentée la plainte c'est le Parquet qui a compétence pour engager des poursuites (article 49 du Code de procédure pénale), qui fait la promotion et la direction de l'investigation pendant l'enquête, de présenter l'accusation (le cas échéant) et de la soutenir efficacement pendant les phases de l'Instruction (facultative) et du jugement; il doit interjeter appel contre les décisions, même dans l'intérêt exclusif de la défense et il doit faire impulsion l'exécution des peines et mesures de sûreté (art. 53 du Code de procédure pénale).

La procédure pénale est également soumise à de règles spécifiques mentionnées dans les diplômes relatifs aux médias.

La loi sur la presse - loi 2/99, 13/1 – prévoit (art. 30, paragraphe 1), dispose que c'est aux Tribunaux d'apprécier les crimes dont l'origine est la publication de textes ou d'images diffusées par les médias qui portent atteinte à de biens juridiques protégés par la loi pénale. L'art. 37 établit que la procédure pour délit de presse soit réglée par les dispositions du Code de procédure pénale et de la législation complémentaire, en tout ce qui n'est pas expressément prévu par cette loi.

En ce qui concerne la compétence territoriale l'article 38 établit des normes spécifiques, à savoir: la compétence pour investiguer les délits de presse appartient au tribunal du ressort où la personne morale propriétaire de la publication a son siège ou, si elle est propriété d'un particulier, le tribunal du ressort où la personne est domiciliée; pour investiguer des crimes de diffamation ou d'injure c'est au Tribunal du ressort qui correspond à la résidence de la victime.

La Loi de la Radio n° 54/2012 du 24/12 et la loi 27/2007, 30/7, tel que modifié par la Loi n. 8/2011, du 11 Avril, contiennent des règles identiques, en ce qui concerne sa nature et son sens.

Procédure civile – la procédure ne peut être déclenché que par l'action des lésés.

Les lois mentionnées – qui réglementent les activités de la radio et la télévision – disposent que pour déterminer les moyens de faire respecter la responsabilité civile découlant d'actes commis par voie de la presse les principes généraux doivent être observés; il n'y a donc pas de spécialité.

En principe, le Parquet n'a pas d'intervention dans les procédures civiles, surtout pas comme intervenant principal. Il peut intervenir comme représentant de personnes physiques ou morales qu'il est légalement engagé à représenter ; c'est le cas de mineurs ou d'handicapés dont les intérêts et droits ne peuvent pas être plaidés par autrui.

Les procédures administratives (infractions de nature administrative) - La phase administrative de ces procédures est soumise aux mêmes règles générales des procédures pour ce type d'infractions et qui est établie par le DL 433/82, 27/10.

Le Parquet, en règle, n'est pas impliqué dans la phase de l'instruction de la procédure, sauf dans les cas où il est nécessaire de recueillir des preuves par biais d'une intervention judiciaire.

La déclaration et le procès de décision sur l'infraction dans sa phase administrative dépend de la nature des infractions en cause ; la compétence pour décider appartient à l'Autorité de régulation des médias et le Comité portfolio

professionnel

Journaliste.

Le procès n'est remis aux organes judiciaires (Tribunaux que lorsque la personne affectée par la décision la conteste par biais d'un appel judiciaire.

Dans ce cas, le procès est remis par l'autorité administrative au Parquet, qui la transmettra à la cour ; cette transmission équivaut à la présentation d'une accusation (article 62 du DL 433/82, 27/10). Le Parquet impliqué dans les phases ultérieures du procès, défendra la décision de l'organe administratif, mais il est toujours soumis à de critères d'exemption, d'objectivité et de légalité.

31. En quoi consiste la responsabilité pénale ou administrative des journalistes et les sanctions prévues par loi?

Responsabilidade penal – Os jornalistas podem incorrer em responsabilidade criminal por factos que, no exercício da sua actividade, ponham em causa bens jurídicos ou valores penalmente protegidos.

Poderão assim estar em causa, consoante a actuação concreta :

Crimes contra a honra (arts. 180º a 187º do Código Penal), puníveis em abstracto com pena de prisão ou multa. As penas destes crimes sofrem a agravação quando cometidos através da comunicação social, por força de normas da Lei de imprensa e da televisão, quer, no caso do crime de Publicidade e calúnia por força do nº 2 do art. 183º do Código Penal. Tais penas serão elevadas de metade nos seus limites mínimo e máximo, se a vítima for uma das pessoas referidas na al. j) do art. 132º do Código Penal, no exercício das suas funções ou por causa delas.

Crimes contra a reserva da vida privada : Art. 192º do Código Penal -(Devassa da vida privada); Art. 194º, nº 3 do Código Penal (Violação de correspondência ou de telecomunicação - " *quem, sem consentimento, divulgar o conteúdo de cartas, encomendas, escritos fechados, ou telecomunicações a que se referem os números anteriores...*"); Art. 195º do Código Penal (Violação de segredo); Art. 196º do Código Penal (Aproveitamento indevido de segredo).

As penas dos crimes previstos nos arts. 192º, 194º, 195º (para o que ora interessa), são elevadas de um terço nos seus limites mínimo e máximo, se praticados através de meio de comunicação social (art. 197º, al. b)do Código Penal ). No caso do crime previsto no art. 196º do Código Penal funcionará a agravação das referidas Leis da Imprensa e televisão.

Crimes contra outros bens jurídicos pessoais : Gravações e fotografias ilícitas (art. 199º ).A este crime é aplicável a agravação do art. 197º

Crimes contra sentimentos religiosos : Ultraje por motivo de crença religiosa ( art. 251º, 1); Ultraje a acto de culto ( art. 252º,al. b).

Crimes contra a paz pública : Instigação pública a um crime; Apologia pública de um crime ( art. 298º );

Crimes contra a segurança do estado, crimes contra a soberania nacional, dos crimes contra a independência e integridade nacionais (art.316º) – Violação de segredo de Estado

Crimes contra Estados estrangeiros e organizações internacionais : Ultraje de símbolos estrangeiros ( art. 323º);

Crimes contra a realização do Estado de direito : Incitamento à desobediência colectiva ( art. 330º ); Ultraje de símbolos nacionais e regionais ( art. 332º);

Crimes contra a realização da justiça : Denúncia caluniosa (art. 365º); violação de segredo de justiça ( art. 371º ).

Crimes de tutela da privacidade identidade dos menores: artigo 90.º, da Lei n.º 147/99, de 1 de Setembro (Regime de Protecção de crianças e jovens em perigo) e 97.º e artigo 97.º da Lei n.º 166/99, de 14 de Setembro (Lei Tutelar Educativa)

Todos estes crimes são abstractamente puníveis com pena de prisão ou pena de prisão ou multa.

Responsabilité pénale - Les journalistes peuvent être responsabilisés criminellement toujours et quand ils pratiquent, dans l'exercice de leur activité, des actes qui, peuvent mettre en péril des intérêts juridiques ou des valeurs pénalement protégées.

Ce sont les cas de :

Crimes contre l'honneur (articles 180 à 187 du Code pénal), punis avec peine de prison ou d'amende. Les sanctions pour ces crimes pourront être aggravés lorsqu'ils sont commis par les médias, par application de règles de la loi de la presse et de la télévision, ou dans le cas de l'infraction de diffamation et de publicité prévue au paragraphe 2 de l'art. 183 du Code pénal). Ces sanctions seront élevées dans la moitié de sa valeur minimale et maximale, si la victime est une personne mentionnée à l'al. j) de l'art. 132 du Code pénal, dans l'exercice de ses fonctions ou à cause de cet exercice.

Crimes contre la vie privée: l'article 192 du Code pénal (intromission dans la vie privée); l'article 194, paragraphe 3 du Code pénal (violation de la correspondance ou des télécommunications - «qui, sans le consentement, divulgue le contenu de lettres, de commandes, d'écrit privé, ou de télécommunication mentionnés dans les paragraphes précédents ... »), l'article 195 du Code pénal (violation du secret), l'article 196 du Code pénal (utilisation incorrecte du secret).

Les sanctions pour les infractions prévues par les art. ° 192, 194 °, 195 ° sont augmentés d'un tiers en son minimum et maximum, si les infractions sont pratiquées avec le concours de la presse (art. 197, al. b) du Code pénal. Dans le cas de l'infraction prévue par l'art. 196 du Code pénal l'aggravation prévue par les lois pour la presse et la télévision est appliquée.

Crimes contre d'autres biens juridiques: Crimes d'enregistrements et de photographies (art. 199) ; la pénalité de ce crime est aggravée par application de l'article 197º.

Crimes contre les sentiments religieux: Outrage par des motifs de croyance religieuse (art. 251, 1); Outrage , perturbation ou obstacle à un acte de culte (art. 252, al B.).  
Crimes contre la paix publique: incitation publique à un crime; apologie publique d'un crime (art. 298 °);  
Crimes contre la sécurité nationale, crimes contre la souveraineté nationale, crimes contre l'indépendance nationale et l'intégrité (art.316 °) - Violation du secret d'État  
Crimes contre les États étrangers et les organisations internationales: Outrage de symboles étrangers (art. 323);  
Crimes contre la réalisation de l'état de droit: incitation à la désobéissance collective (art. 330.°); Outrage des symboles nationaux et régionaux (art. 332);  
Obstacles à la justice: plainte calomnieuse (art. ° 365), violation du secret (art. 371).  
Crimes pour la confidentialité de l'identité des mineurs: l'article 90, de la Loi n 147/99, 1 Septembre (protection juridique des enfants et des jeunes à risque) et l'article 97 de la Loi n 166/99 du 14 Septembre (loi tutelle éducative)  
Tous ces crimes sont passibles de peines d'emprisonnement ou peines d'emprisonnement et d'amende.

32. Veuillez décrire les mesures de protection disponibles dans les procédures pénales et civiles (saisie ou l'interdiction de publications) et le rôle des procureurs. Dans votre pays, existe-t-il des mesures qui sont ou pourraient être considérées comme une forme de censure préventive? Les procureurs ont-ils un rôle dans le contrôle des activités de médias?

Em resposta à questão enunciada diremos desde logo que não existe qualquer procedimento de natureza penal, civil ou administrativa que seja possível de ser considerado de censura preventiva à actividade da divulgação noticiosa por parte da comunicação social.

Além disso, não existe qualquer actividade desenvolvida pelo Ministério Público no sentido de controlar ou monitorizar a actividade dos média.

No entanto, e de acordo com os regimes legais enunciados nas respostas anteriormente dadas, quando esteja em causa, unicamente do ponto de vista civil, qualquer actuação que coloque em causa os direitos de personalidade por parte dos visados, poder-se-á perspectivar uma actuação judicial que implique um pedido de suspensão/proibição da divulgação de determinada notícia inserida numa publicação periódica, através do accionar de procedimento cautelar.

No mais, importa assinalar que, uma qualquer decisão que não decorra de uma imposição judicial que determine a proibição e/ou a apreensão de uma publicação é punível como crime de atentado à liberdade de imprensa, nos termos do artigo 33.º, da Lei de Imprensa ou ainda de atentado à liberdade de informação, previsto e punido pelo artigo 19.º, da Lei que aprova o Estatuto do Jornalista.

Do ponto de vista penal, a única resposta possível a esta questão passa pela aplicação de uma medida de coacção ao jornalista que insista na sua actuação delituosa, no sentido de determinar a suspensão do exercício da sua actividade, nos termos do artigo 199.º, n.ºs 1 e 2, alínea a, do Código de Processo Penal, mas quando o crime praticado corresponda a pena de prisão cuja moldura penal seja superior a 2 anos.

On peut dire tout de suite qu'il n'existe pas, en droit portugais, une procédure pénale, une action civile ou administrative qui puisse être considéré comme une forme d'obtenir la censure préalable à l'activité de communication exercée par les médias.

De la même façon, le Parquet n'exerce pas aucune activité pour contrôler ou surveiller les activités des médias. Pourtant, en conformité avec le système qu'on vient de décrire quand une activité des médias met en cause, les droits de la personnalité, il est possible d'envisager une action judiciaire portant sur une demande de suspension / interdiction de la diffusion de nouvelles dans une publication périodique en particulier, en déclenchant une mesure conservatoire.

Il convient de noter que seule une décision judiciaire pourra avoir comme effet l'interdiction et / ou la saisie d'une publication; une décision non judiciaire portant sur les mêmes effets est punie comme crime contre la liberté de la presse prévu par l'article 33. ° de la Loi sur la Presse ; cette conduite est aussi punie par l'article 19. ° du Statut des journalistes.

Du point de vue pénal, la seule réponse possible à cette question implique l'application d'une mesure coercitive au journaliste qui pratique des actes qualifiés comme crime, puni d'une peine supérieure à 2 ans de prison, laquelle pourra porter à la suspension de l'exercice de son activité, conformément à l'article 199, no. 1 et 2, alinéa a) du Code de procédure pénale.

33. Si un procureur est critiqué par les médias pour des raisons liées à la procédure pénale, les associations de procureurs peuvent-ils intervenir?

De acordo com o art. 6º do seu Estatuto, o Sindicato dos Magistrados do Ministério Público tem, como objectivo, «a defesa dos direitos e interesses dos sócios, no plano profissional, por todos os meios permitidos, incluindo o patrocínio judiciário.

Conformément à l'art. 6 de son statut, le syndicat des magistrats du parquet a aussi comme objectif, défendre «les droits et les intérêts de ses membres, dans le plan professionnel, par tous les moyens autorisés, y compris l'assistance juridique.

34. Un procureur est-il tenu à un devoir de discrétion, même si une campagne médiatique a été lancée contre lui?

Como já se referiu os magistrados do Ministério Público estão sujeitos ao dever de reserva previsto no art. 84º do seu Estatuto.

Em qualquer caso, para defesa da sua honra podem, desde que superiormente autorizados, prestar declarações ou comentários sobre processos.

O dever de reserva não abrange as informações que visem realizar direitos ou interesses legítimos, desde que tais informações não estejam cobertas pelo segredo de justiça ou pelo sigilo profissional.

Em todo o caso, os magistrados do Ministério Público poderão exercer os direitos de qualquer cidadão na defesa da sua honra e do seu bom-nome, designadamente em sede de acção judicial adequada, e mesmo em sede de direito de resposta, salvaguardando, em qualquer caso, eventuais segredos, profissionais ou de justiça.

Comme Il a été déjà mentionné les procureurs sont obligés par le devoir de réserve prévu à l'art. 84 de leur Statut. En tout cas, pour défendre son honneur, ils peuvent, une fois supérieurement autorisés, faire des déclarations ou des commentaires sur des dossiers concrets.

Les informations dont le contenu n'est pas couvert par le secret de justice ou le secret professionnel et qui visent à réaliser des droits ou des intérêts légitimes, notamment le droit d'accès à l'information, ne sont pas concernées par le devoir de réserve

Dans tous les cas, les procureurs peuvent exercer les droits que tous les citoyens ont de défense de leur honneur et de leur réputation, en particulier en ce qui concerne de procédures judiciaires appropriées, et même en ce qui concerne le droit de réponse. En tous cas les procureurs doivent sauvegarder les secrets, professionnel ou de la justice.

35. Avez-vous des institutions, autres que les associations de procureurs, disposant d'un pouvoir de réponse en cas d'attaques inappropriées par les médias à l'encontre du ministère public ou des procureurs pris individuellement?

O Conselho Superior do Ministério Público poderá emitir comunicados que esclareçam a situação e reponham a verdade em caso de eventuais notícias que atinjam inapropriadamente o Ministério Público.

A Procuradoria-Geral da República poderá também tomar essa iniciativa.

Le Conseil supérieur du ministère public peut publier des communiqués pour clarifier les situations et reprendre la vérité au cas où des nouvelles portent atteinte au Ministère Public.

Le Parquet General de la République peut aussi en prendre l'initiative

## F. Autres informations

36. Avez-vous d'autres informations ou commentaires concernant la communication entre procureurs et médias dans votre pays? Si oui, veuillez les décrire

A Procuradoria-Geral da República tem desenvolvido esforços no sentido de implementar os mecanismos adequados ao estabelecimento de uma correcta e adequada relação com os media.

A estrutura actualmente existente, não satisfazendo ainda os objectivos a que a Procuradoria-Geral se propôs, tem procurado fornecer aos media as informações que, dentro dos limites legais, satisfaçam o direito de acesso à informação.

Não havendo ainda uma adequada actuação pro-activa da Procuradoria-Geral da República, na medida em que, em regra, as informações são prestadas a pedido dos jornalistas, espera-se que a curto prazo se possa alterar essa actuação, em respeito pelas Recomendações internacionais e pelos princípios constitucionais da liberdade de expressão e de imprensa.

De qualquer modo, não sendo particularidade de Portugal, importa também que os média cooperem, no sentido de procurar as informações junto de fontes legítimas e correctamente informadas, de modo a que o direito à informação, nas suas diversas vertentes – informar-se, ser informado e informar – adquira o seu verdadeiro sentido.

Le Parquet General de la République a fait des efforts pour mettre en œuvre des mécanismes appropriés pour établir une relation correcte et appropriée avec les médias.

Même si la structure existante, ne remplit pas encore les objectifs que le Parquet General de la République souhaite développer, des informations aux médias, qui respectent les limites légaux, tout en satisfaisant le droit d'accès à l'information sont régulièrement fournies.

Une fois que l'activité du Parquet General de la République est plutôt réactive, dans la mesure où, en règle, les informations sont prêtées sous demande de journalistes, il est prévu que brièvement, on pourra modifier cette conduite, en conformité avec les recommandations internationales et les principes constitutionnels de la liberté d'expression et de presse, conscients, comme on l'est que, seulement avec d'une actuation pro-active sera-t-il possible réduire les situations de violation des droits de réserve et de secret d'Instruction et prêter publiquement, aux citoyens, des informations correctes.

Quoi qu'il en soit, même s'il ne s'agit pas d'une spécialité du Portugal, il faut aussi assurer une adéquate coopération des médias, notamment en ce qui concerne l'obtention de l'information près de sources fiables, de sorte que le droit à l'information dans ses différents aspects – de s'informer, d'être informé, et d'informer – puisse acquérir son vrai sens.